

O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar

Sergio Eduardo Silveira da Rosa
Abidack Raposo Correa
Mario Luiz Freitas Lemos
Deise Vilela Barroso

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

O SETOR DE MÓVEIS NA ATUALIDADE: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

**Sergio Eduardo Silveira da Rosa
Abidack Raposo Correa
Mario Luiz Freitas Lemos
Deise Vilela Barroso***

** Respectivamente, gerente, técnico administrativo, economista e estagiária de economia do Departamento de Bens de Consumo da Área Industrial do BNDES.*

MÓVEIS

Resumo

O artigo apresenta uma visão geral da indústria brasileira de mobiliário, com destaque para os móveis de madeira, em virtude de seu peso relativo. Além de abordar as características gerais do setor, o trabalho discute, com maior ênfase, as questões relacionadas ao suprimento de matéria-prima, os padrões de localização das empresas do setor e o papel da tecnologia e – especialmente – do design para a competição intra-industrial. Da mesma forma, discutem-se o grande crescimento das exportações brasileiras de móveis nos últimos anos e algumas tendências mais recentes, como a importância crescente para a governança do setor.

Introdução

A evolução recente da indústria brasileira de mobiliário tem-se caracterizado por duas tendências bastante divergentes entre si: enquanto a demanda interna *per capita* manteve-se estagnada – ou declinou – de 1990 a 2005, as exportações aumentaram em cerca de 2.400% no mesmo período. Em paralelo, a continuidade desse crescimento, bem como a eventual recuperação do mercado interno, sofrem a ameaça da possível escassez de madeira, principal matéria-prima utilizada na fabricação de móveis. Além disso, de acordo com diversos analistas, a indústria se ressentiu de problemas estruturais que podem representar obstáculos ao seu desenvolvimento, como os relacionados ao *design* e à comercialização.

O presente trabalho, além de traçar um panorama sucinto do setor de móveis, aborda questões específicas relacionadas aos aspectos mencionados:

- O expressivo aumento das exportações, suas origens e as dificuldades recentes para sua continuidade;
- As perspectivas do fornecimento das diversas modalidades de madeira (maciça, aglomerada, MDF etc.);
- O papel do varejo na governança da cadeia produtiva do mobiliário (esse papel é muito importante, e crescente, em diversos países desenvolvidos); e
- Algumas peculiaridades do setor, como a baixa densidade tecnológica (e suas conseqüências para a estrutura produtiva) e a importância do *design* para a competitividade.

O IBGE classifica a indústria de móveis com base nas matérias-primas predominantes. As categorias básicas são: móveis de madeira (incluindo vime e junco), que constituem o principal segmento, com 91% dos estabelecimentos, 83% do pessoal ocupado e 72% do valor da produção; e os móveis de metal, com 4% dos estabelecimentos, 9% do pessoal ocupado e 12% do valor da produção. O restante diz respeito aos móveis confeccionados em plástico e artefatos do mobiliário, que reúnem colchoaria e persianas.

A indústria de móveis também pode ser segmentada por categoria de uso: residencial, escritório e institucionais (utilizados em hospitais, escolas, lazer, restaurantes, hotéis e similares). A

Classificação

Tabela 1, apresentada adiante, sintetiza as principais características do segmento de móveis de madeira para residência. Os móveis de madeira, que detêm expressiva parcela do valor total da produção do setor, são ainda segmentados em dois tipos: retilíneos, que são lisos, com desenho simples de linhas retas, cuja matéria-prima principal é constituída de aglomerados e painéis de compensados; e torneados, que reúnem detalhes mais sofisticados de acabamento, com formas retas e curvilíneas misturadas, e cuja principal matéria-prima é a madeira maciça – de lei ou de reflorestamento –, podendo também incluir painéis de MDF.

Caracterização da Indústria

A indústria de mobiliário faz parte dos chamados setores tradicionais da economia, que têm uma série de aspectos em comum:

- Reduzido dinamismo tecnológico;
- Intensidade de mão-de-obra relativamente elevada; e
- Utilização relativamente alta de materiais de origem animal ou vegetal.

No caso do setor de móveis, essas características apresentam-se de forma particularmente acentuada. Além disso, o setor se distingue pela ausência, em grande medida, de alguns traços comumente associados às empresas industriais modernas, como a presença de barreiras à entrada decorrentes de economias de escala.

Em resumo, a indústria de móveis pode ser considerada uma das mais conservadoras da atual estrutura produtiva. Isso é especialmente verdadeiro no segmento de móveis de madeira, uma vez que se trata de material pouco propício à utilização de processos contínuos de fabricação, o que por sua vez dificulta consideravelmente a automação e a possibilidade de ganhos de escala. Uma das soluções encontradas pelo setor – conforme descrito no item seguinte deste artigo – consiste na transferência de determinadas operações para o varejo (montagem) e para a preparação da matéria-prima (acabamento de painéis).

As observações feitas acima não significam que não haja progresso técnico na indústria de mobiliário, e sim que a incorporação de tecnologia pela indústria, além de ser inferior à verificada no conjunto da economia, não é decisiva para a competição entre as empresas do setor. Cabe acrescentar que as principais inovações técnicas das últimas décadas originaram-se dos fornecedores de matéria-prima (os vários tipos de painéis de madeira) e bens de capital.

Ao contrário do que ocorre com a tecnologia, o *design* desempenha papel considerável para a competição entre os fabricantes de mobiliário, em especial no que diz respeito à faixa superior

do mercado. É importante ressaltar que a finalidade do *design* não se restringe aos aspectos estéticos, mas também – e principalmente – à funcionalidade dos produtos. Deve-se observar, no entanto, que o próprio *design* – tradicionalmente liderado por empresas italianas – não implica barreiras à entrada muito expressivas, em virtude da relativa facilidade de imitação.

Uma das principais conseqüências das características já mencionadas da indústria de móveis consiste na escala reduzida das empresas, inclusive as líderes. De fato, mesmo num país como a Alemanha, que se distingue pela estrutura industrial concentrada, o faturamento dos maiores fabricantes de móveis não ultrapassa US\$ 20 bilhões. Ocorre que a comercialização de peças de mobiliário, nos países mais desenvolvidos, é realizada, de modo crescente, por redes de lojas especializadas, que freqüentemente são empresas de porte bem superior ao dos fabricantes. A cadeia produtiva, portanto, tende a ser dominada pelo varejo, a exemplo do que se verifica com os supermercados em relação aos produtores de alimentos perecíveis.

Finalmente, é importante ressaltar que o quadro traçado acima é menos pronunciado no caso dos móveis metálicos, assim como os elaborados a partir de insumos petroquímicos. Isso, entretanto, é menos relevante do que pode parecer, pois a grande maioria (cerca de 72%) dos móveis continua a ser feita de madeira, e esta proporção, segundo analistas do setor, não deverá modificar-se substancialmente no futuro previsível.

Os comentários feitos a seguir a propósito do uso de materiais metálicos na indústria de mobiliário serão muito sucintos, por duas razões básicas:

- A madeira continua sendo a matéria-prima típica para a fabricação de móveis (os móveis são apenas 12% do consumo brasileiro – ver item sobre classificação); e
- Os insumos metálicos utilizados pela indústria não apresentam características que os diferenciem dos direcionados aos demais setores.

Tais insumos podem ser classificados em dois grupos principais. O primeiro é formado por elementos estruturais, que constituem os móveis metálicos propriamente ditos. De acordo com o Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI) e a Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs), os móveis de metal são compostos essencialmente por tubos (62% em peso) e por chapas (38%).

O outro tipo de insumo metálico são as chamadas ferragens (como puxadores), utilizadas também em móveis de madeira

Matérias-Primas

Metal

e de outros materiais. As ferragens de melhor qualidade são produzidas em latão, liga de cobre e zinco que oferece inúmeras vantagens em relação a outros materiais, como zamak (ligas de zinco com alumínio, magnésio e cobre), alumínio, aço carbono e aço inoxidável.

A forma e a disposição das ferragens constituem importante ferramenta para o *design* de móveis em geral.

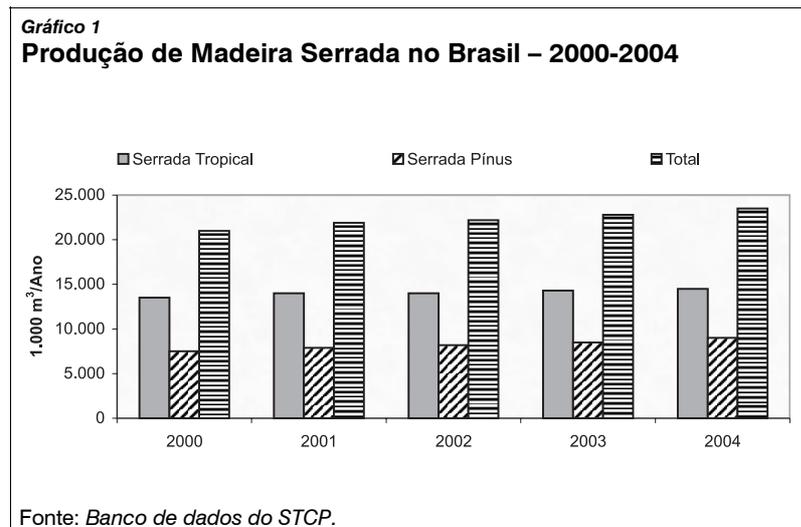
Madeira

A Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci) revela que a produção brasileira de madeira para uso industrial (madeira serrada, chapas e celulose) é de 180 milhões de m³/ano, dos quais 130 milhões de m³/ano para florestas plantadas e 50 milhões de m³/ano para florestas nativas. Segundo a Abimci, a produção de madeira serrada no Brasil em 2004 foi de 23,5 milhões de m³. O Gráfico 1 mostra a evolução da produção de madeira serrada de 2000 a 2004. Conforme aponta Nahuz (2004), cerca de 15% da madeira serrada no Brasil destina-se à indústria de móveis, perfazendo 3,5 milhões de m³/ano.

Madeira Nativa (Madeira de Lei)

A primeira matéria-prima empregada na fabricação de móveis foi a madeira nativa, ou madeira de lei. Suas características principais são a aparência das diferentes fibras e colorações, a alta resistência física e mecânica, a durabilidade e a usinabilidade (pode ser emoldurada, torneada ou entalhada). Como exemplo, podemos citar o jacarandá, o mogno, a imbuia, a cerejeira, o freijó e o marfim.

Com o avanço da tecnologia e dos materiais, as madeiras maciças passaram a ser mais utilizadas na forma de lâminas aplica-



das sobre painéis (aglomerados, compensados, MDF etc.), o que otimiza a utilização dessa matéria-prima, atualmente mais escassa, uma vez que o maior volume fica por conta dos painéis basicamente produzidos com madeira de reflorestamento, como eucalipto e pínus. Na forma de tábua, é mais utilizada em molduras, entalhes e torneados, em que não se podem utilizar os painéis laminados.

Outro motivo para a intensificação do uso de madeira de reflorestamento (eucalipto e pínus) são as crescentes restrições de caráter ambiental no comércio internacional. Provavelmente, a utilização da madeira maciça na produção de móveis deverá se concentrar na madeira de reflorestamento, ou seja, a antiga vantagem comparativa representada pelas florestas naturais torna-se cada vez menos eficaz em um mundo preocupado com questões ambientais. Nesse sentido, o Brasil desfruta de uma fonte importante de competitividade representada pelo baixo custo de sua madeira de reflorestamento, que, todavia, ainda não é utilizada em seu potencial pleno, uma vez que, atualmente, a maior parte das florestas plantadas é manejada visando exclusivamente à produção de fibra de celulose.

Eucalipto

O eucalipto é um gênero florestal originário da Austrália. Existem 730 espécies já conhecidas de eucalipto, sendo que os plantios em larga escala, no mundo, estão concentrados em poucas espécies. Em termos de incremento anual e das propriedades desejáveis da madeira, apenas 12 têm sido utilizadas, com mais intensidade, para atender o setor industrial: *Eucalyptus grandis*, *E. saligna*, *E. urophylla*, *E. camaldulensis*, *E. tereticornis*, *E. globulus*, *E. viminalis*, *E. deglupta*, *E. citriodora*, *E. exserta*, *E. paniculata* e *E. robusta*.

No Brasil, estima-se que existam cerca de 1 milhão de hectares de plantio de eucalipto destinados à produção de painéis, papel e celulose e 1,2 milhão de hectares para a produção de lenha e carvão [Portal Remade (2006)].

O uso do eucalipto abrange desde a produção de móveis, acabamentos para a construção civil, pisos, postes, mastros para barcos até a obtenção do óleo essencial usado em produtos de limpeza, alimentícios, perfumes e remédios.

O eucalipto atualmente é utilizado no âmbito dos projetos de preservação da natureza. Por ser uma árvore de rápido crescimento e de fácil adaptação, o eucalipto plantado passou a ser uma alternativa racional contra a devastação das florestas nativas. Na fabricação de móveis maciços, o eucalipto tem restrições por causa da grande dificuldade na secagem. Suas fibras são consideradas “rebeldes” e apresentam muitas rachaduras e/ou encolhimento após a secagem.

Pínus

O pínus é um gênero botânico cuja madeira possui fibra longa, com comprimento acima de 2,5 mm. As espécies mais conhecidas no Brasil são: *taeda*, *elliottis* e *caribea*. O pínus vem sendo plantado há mais de um século no Brasil, onde foi introduzido para fins ornamentais. O principal uso desse gênero é como fonte de matéria-prima para indústrias de madeira serrada e laminada, painéis, móveis, papel e celulose. As empresas moveleiras que adquirem madeira serrada de pínus enfrentam problemas ligados à alta incidência de “nós”, à secagem e ao desdobro inadequado. Em consequência disso, algumas empresas possuem plantios próprios de pínus, para garantir a qualidade da matéria-prima, e ainda processam a secagem, o que implica alto nível de verticalização.

Painéis de Madeira Reconstituída

São denominados painéis de madeira reconstituída os painéis que utilizam madeira sob a forma de cavacos como matéria-prima mais relevante. Podem ser classificados em dois grupos:

- (1) Os compostos laminados, que se caracterizam pela estrutura contínua de linha de cola através do processo de colagem, para fabricação de produtos como: compensado multilaminado, compensado sarrafeado (*blockboard*), compensado de lâminas paralelas (*lammyboard*), compensado de madeira maciça (*three-ply*) e painel de lâminas paralelas (*laminated veneer lumber* –LVL); e
- (2) Os compostos particulados, que são constituídos de pequenos elementos de madeira (partículas e fibras) e se caracterizam pela estrutura descontínua da linha de cola. Os principais tipos são os painéis de madeira aglomerada (*particle board*), o MDF (*medium density fiberboard*), as chapas de fibra ou chapas duras (*hardboard*) e as chapas OSB (*oriented strand board*).

Os fabricantes de painéis de madeira reconstituída utilizam preponderantemente, na confecção de seus produtos, madeira virgem proveniente de maciços florestais plantados e, para completar o *mix*, resíduos de serraria.

Compensado Multilaminado

Painel composto de lâminas de madeira sobrepostas em número ímpar de camadas, formando um ângulo de 90° entre as camadas adjacentes. Os compensados podem ser de uso interior quando utilizado o adesivo uréia-formaldeído e de uso externo ou “prova d’água”, quando a colagem é à base de adesivo fenol-for-

maldeído. As variáveis do processo, como umidade das lâminas, composição estrutural, formulação do adesivo, gramatura e ciclo de prensagem, são importantes fatores para assegurar a qualidade dos painéis. São utilizados pela indústria de construção civil, naval, embalagens e indústria moveleira.

O compensado é considerado um produto maduro, com restrições ambientais, pela baixa disponibilidade de toras de grande diâmetro e de qualidade para laminação e seus elevados custos.

Compensado Sarrafeado

Painel com miolo composto de sarrafos e as capas com lâminas de madeira. É caracterizado conceitualmente como painel de cinco camadas, tendo em vista que há uma camada de “transição” constituída de lâminas coladas perpendicularmente aos sarrafos. A principal vantagem do compensado sarrafeado é a maior resistência do painel à flexão estática no sentido paralelo ao seu comprimento. É utilizado principalmente para a fabricação de móveis.

Compensado de Lâminas Paralelas

É um painel derivado do compensado sarrafeado, com a diferença de que o miolo é composto por painéis de lâminas paralelas seccionados no sentido longitudinal em tiras e virados em ângulo de 90°. As faces são constituídas de duas lâminas de madeira em disposições cruzadas.

Compensado de Madeira Maciça

É um produto relativamente novo no Brasil, com terminologia não muito bem definida até o momento. Trata-se de um painel constituído de três camadas cruzadas de sarrafos colados lateralmente com adesivo à base de PVA (acetato de polivinila).

Painel de Lâminas Paralelas (LVL)

As etapas iniciais da manufatura de LVL são similares àquelas usadas na manufatura da madeira compensada. Os folheados individuais são montados no sentido longitudinal. Pode ser utilizado na confecção de paredes, batentes de portas e janelas, tampos de mesa e móveis em geral.

Painéis de Madeira Aglomerada

São painéis fabricados com partículas de madeira de eucalipto ou pínus impregnados com resinas sintéticas submetidas ao calor e à pressão. Durante o processo de produção, são adicionados diversos produtos químicos para evitar o mofo, a umidade e o ataque de insetos e aumentar a resistência ao fogo. Disponível nos

revestimentos em baixa pressão (BP) e em lâmina celulósica *finish foil* (FF), os painéis de aglomerado oferecem versatilidade de cores, diversos padrões decorativos e excelente *performance* físico-mecânica. As principais fontes de matérias-primas utilizadas são resíduos industriais, resíduos de exploração florestal e madeiras de qualidade inferior.

Os painéis apresentam excelente estabilidade dimensional e alto nível de desempenho, resistindo ao empenamento. Sem veios ou nós, permitem corte e usinagem em qualquer direção. Os painéis de madeira são a principal matéria-prima para a indústria moveleira para a produção de móveis residenciais, de escritórios, gabinetes de banheiro, copa e cozinha, *racks* e estantes.

São apresentados em três formas: *in natura*, pintado e revestido com laminado baixa pressão (BP) ou *finish foil* (FF).

In natura (sem revestimentos) – as chapas não recebem nenhum acabamento, são processadas pelo próprio usuário e podem ser revestidas com lâminas de madeira natural, com laminado plástico ou policloreto de vinila (PVC), entre outros.

Revestimento laminado baixa pressão (BP) – através de temperatura e pressão, uma lâmina celulósica impregnada com resina melamínica é fundida ao aglomerado, resultando em um painel pronto para uso.

Revestimento em *finish foil* (FF) – uma película celulósica é colada ao aglomerado, resultando em um produto já acabado.

Medium Density Fiberboard (MDF)

É uma chapa produzida a partir da aglutinação de fibras de madeira, com resinas sintéticas e ação conjunta de temperatura e pressão. Para obtenção das fibras, a madeira é cortada em pequenos cavacos que, em seguida, são triturados por equipamentos denominados desfibradores. O pínus é a principal matéria-prima utilizada, já que proporciona a produção de uma chapa clara, muito valorizada no mercado.

O MDF tem consistência e algumas características parecidas com as da madeira maciça, e a maioria de seus parâmetros físicos é superior aos da madeira aglomerada. Caracteriza-se, também, por possuir boa estabilidade dimensional e grande facilidade para usinagem.

A homogeneidade proporcionada pela distribuição uniforme das fibras possibilita ao MDF acabamentos do tipo envernizado (pinturas em geral ou revestimentos com papéis decorativos, lâminas de madeira ou PVC). Podem também ser torneados, entalhados,

perfurados e unidos lateralmente. O MDF apresenta ainda vantagens em relação à madeira natural, já que não tem “nós”, veios reversos e imperfeições típicas do produto natural.

Pelas suas características, o MDF é amplamente utilizado na indústria moveleira em frontais de portas, frentes de gaveta e outras peças elaboradas, com usinagens em bordas ou faces, como tampos de mesa, *racks* e estantes. Na construção civil, é utilizado em pisos, rodapés, almofadas de portas, batentes, portas usinadas, peças torneadas como balaústres de escadas, pés de mesa e também em embalagens.

O MDF apresenta-se em três formas: *in natura*, pintado e revestido com laminado baixa pressão (BP) ou *finish foil* (FF).

In natura (sem revestimentos) – as chapas não recebem nenhum acabamento e são processadas pelo próprio usuário e podem ser revestidas com lâminas de madeira natural, com laminação plástica e PVC, entre outros.

Revestimento laminado baixa pressão (BP) – uma folha de papel especial impregnada com resina específica é fundida ao MDF por meio de pressão e alta temperatura, resultando em chapa acabada. Pode-se revestir apenas uma das faces, o que permite ao usuário usinar a face não-revestida e acabá-la através de pintura ou revestimento PVC.

Revestimento em *finish foil* (FF) – uma película celulósica é aplicada ao MDF, resultando em um produto já acabado.

Chapas de Fibra ou Chapas Duras

São chapas de fibras de alta densidade, com espessura fina e homogênea, produzidas a partir de fibras de madeira coladas com resina fenol-formaldeído e consolidadas através de prensagem a quente. As chapas duras podem ser produzidas através do processo úmido ou seco. No processo úmido, que utiliza a filtração da suspensão de água-fibras, a deposição das fibras é mais uniforme. No entanto, há um grande consumo de água e necessidade de tratamento para evitar problemas ambientais. No processo seco, as fibras são secadas e o ciclo de prensagem é mais curto, aumentando a produtividade do processo. As chapas duras são utilizadas principalmente como fundos de gavetas e armários, aparelhos eletrônicos, revestimentos de painéis e divisórias etc.

Oriented Strand Board (OSB)

O OSB é um painel estrutural, considerado uma segunda geração dos painéis *waferboard*, produzido com base em partículas (*strands*) de madeira, sendo que a camada interna pode estar

disposta aleatória ou perpendicularmente às camadas externas. Distingue-se dos aglomerados tradicionais pela impossibilidade de utilização de resíduos de serraria na sua fabricação. Além disso, tem um baixo custo, e suas propriedades mecânicas assemelham-se às da madeira sólida, podendo substituir plenamente os compensados estruturais. Consiste em um segmento de destacado crescimento no rol de produtos transformados de madeira.

Categoria de Uso **Móveis Domésticos**

Segundo informações do Portal Remade, o segmento de móveis domésticos corresponde a 60% do faturamento total do setor moveleiro no Brasil.

Em contraste com os móveis retilíneos – que são lisos, sem detalhes sofisticados de acabamento, com desenho simples de linhas retas –, os móveis torneados apresentam muitos detalhes de acabamento, misturando formas retas e curvas. O segmento de móveis torneados pode ser dividido, de acordo com as matérias-primas utilizadas, em dois subsegmentos: a) o de madeiras de lei, que é o tecnologicamente mais defasado e revela um elevado grau de heterogeneidade tecnológica. Sua antiga vantagem competitiva, representada pelas madeiras nativas, parece ter perdido eficácia num mundo cada vez mais preocupado com questões ambientais (empresas que outrora exportavam atualmente destinam basicamente sua produção ao mercado interno); e b) o de madeiras de reflorestamento, que reúne a maioria dos fabricantes de móveis torneados seriados, os quais destinam a maior parte de sua produção ao mercado externo (com frequência, são empresas verticalizadas que utilizam como principal matéria-prima a madeira da conífera pínus).

Tabela 1

Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência

TIPO DE MÓVEL	PRODUÇÃO	MATÉRIA-PRIMA PREDOMINANTE	PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAL MERCADO CONSUMIDOR	GRAU DE TECNOLOGIA
Torneado	Seriada	Madeira de reflorestamento, especialmente serrado de pínus	Médias e grandes	Exportação	Alto
	Sob encomenda	Madeiras de lei, em especial serrado de folhosas	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e alta	Baixo, quase artesanal
Retilíneo	Seriada	Aglomerado	Médias e grandes	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Alto
	Sob encomenda	Compensado e aglomerado	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Médio

Fonte: *Estudo da Competitividade. Elaboração: BNDES.*

No caso dos móveis sob encomenda, cabe mencionar a presença de uma multiplicidade de micro e pequenas empresas, em geral marcenarias, cuja matéria-prima básica é a madeira compensada conjugada com madeiras nativas. Seus equipamentos e instalações são quase sempre deficientes e ultrapassados (o que gera muitas imprecisões nas medidas) e o trabalho ainda é predominantemente artesanal. O produto final é destinado principalmente ao mercado doméstico.

No que se refere aos móveis seriados, principalmente os retilíneos, destacam-se empresas mais modernas, que produzem em grande escala utilizando redes atacadistas nacionais como distribuidores. Os móveis retilíneos seriados são lisos, sem detalhes sofisticados de acabamento e com desenho simples de linhas retas. Por exemplo, os móveis tradicionais para quarto e cozinha, que se destinam à parcela da população de menor poder aquisitivo.

Em contraste com os móveis torneados seriados, cujo processo de fabricação envolve inúmeras etapas – secagem da madeira, processamento secundário, usinagem, acabamento, montagem e embalagem –, o grau de especialização no segmento de móveis retilíneos seriados é maior. O processo produtivo é mais simplificado, envolvendo produção em grande escala e em poucas etapas: corte dos painéis, usinagem e embalagem. As etapas de acabamento e de montagem final foram eliminadas, pois os painéis de madeira aglomerada são adquiridos com acabamento e sua montagem final é feita pelo varejista.

É importante destacar que a eliminação dessas etapas pode trazer, para os fabricantes de móveis, economia em investimentos em máquinas utilizadas para acabamento dos painéis, além de dispensar contratação de mão-de-obra. Em relação à montagem final dos móveis, podemos destacar como efeito positivo a redução no custo do transporte, já que as peças avulsas são acomodadas com mais facilidade, além de ocuparem menos espaço em caminhões. Como efeito negativo, podemos citar os problemas encontrados na montagem dos móveis, pois a mão-de-obra utilizada para esse serviço, de responsabilidade do varejista, ainda é considerada de baixa qualidade e provoca inúmeras queixas dos consumidores.

Os móveis de metal para residência são, basicamente, de aço tubular conjugado com outras matérias-primas, como madeira, vidro etc. Nesse segmento, a maior complexidade dos processos produtivos (metalurgia) inibe a presença de pequenas empresas.

O segmento de móveis de escritório participa com 25% do faturamento total do setor moveleiro no Brasil. A especialização da produção é grande, ou seja, há poucas linhas de produtos numa

Móveis de Escritório

mesma unidade industrial, como empresas especializadas na produção de cadeiras giratórias. Entretanto, para atender um mercado corporativo muito exigente, a tendência atual é de que as empresas desse setor forneçam a seus clientes a “solução completa”, ou seja, a linha completa de produtos para escritório, o que vem implicando aumento da terceirização da produção, especialmente de estruturas metálicas e peças plásticas. Destaca-se ainda a preocupação das empresas do setor com a qualidade e os serviços pós-venda, dado o mercado de grandes clientes, em que atuam.

A maior complexidade dos processos produtivos desse segmento – marcenaria, metalurgia, tapeçaria, injeção de poliuretano, acabamento – exclui a presença de micro e pequenas empresas. Além disso, no segmento de móveis de escritório sob encomenda, as empresas também executam o projeto de instalação dos móveis, o que dificulta ainda mais a presença de pequenas empresas. De modo geral, os fabricantes desse setor são de grande porte e internacionalizados.

Móveis Institucionais

Os móveis institucionais podem ser divididos em móveis escolares, móveis médico-hospitalares, móveis de lazer e móveis para restaurantes, hotéis e similares. Esse é um segmento de qualificação mais complexa, pois cobre uma variedade muito grande de produtos.

O mobiliário escolar corresponde a um dos subsegmentos altamente especializados da indústria moveleira, sujeito às normalizações nacional e internacional que regulam sua produção e seu uso. Eles são, normalmente, funcionais e muito sensíveis ao preço. Os hospitais e o setor de saúde impõem padrões rígidos, embora ainda busquem preços baixos. Hotéis e restaurantes buscam grande variedade de móveis e freqüentemente compram de acordo com seus próprios desenhos. O mercado de móveis de lazer é abrangente, incluindo bancos de estádios e poltronas de teatros luxuosos. As áreas públicas exigem móveis que estejam rigorosamente de acordo com normas e padrões de segurança e funcionalidade. Os compradores, normalmente, exigem certificados de acordo com padrões estabelecidos, como parte dos contratos.

Embora, segundo as estatísticas do Portal Remade, cerca de 15% do total do faturamento do setor de móveis no Brasil sejam de móveis institucionais, é difícil quantificar esse mercado, já que seus fabricantes fornecem produtos tanto para o mercado de móveis residenciais quanto de escritórios e, portanto, os dados podem estar multiplicados. Para atender a um determinado pedido, o fornecedor poderá produzir alguns itens e adquirir o restante de outros fornecedores, ocorrendo, assim, a duplicação de valores.

De acordo com as estatísticas disponíveis¹, a produção mundial de móveis é estimada em US\$ 267 bilhões, tendo crescido, nos últimos dez anos, ao ritmo médio de 9% ao ano. Os maiores países produtores são Estados Unidos (US\$ 57 bilhões), China (US\$ 38 bilhões), Itália (US\$ 23 bilhões) e Alemanha (US\$ 19 bilhões). Enquanto sete das maiores economias industriais desenvolvidas (que são, na ordem de produção de móveis, Estados Unidos (EUA), Itália, Alemanha, Japão, Canadá, Reino Unido e França) produziram juntas, em 2005, 54% do total mundial, os países emergentes contribuíram com 30% do total.

O comércio mundial de móveis envolve basicamente sessenta países, que representam cerca de US\$ 80 bilhões anuais. Os maiores exportadores são, pela ordem, China, Itália, Alemanha, Polônia e Canadá, que respondem por 50% das exportações mundiais. Os maiores importadores são Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, França e Japão, que respondem por 57% do total das importações.

Na década de 1990, ocorreu um grande crescimento no grau de abertura dos mercados de mobiliário (medida como a taxa entre importação e consumo, que para o mundo todo subiu de 20% em 1996 para 31% em 2005). Os Estados Unidos e o Reino Unido tiveram grande contribuição para tal crescimento. Suas importações cresceram significativamente no período 1996-2005 (de US\$ 7,3 bilhões para US\$ 23,8 bilhões, no caso dos Estados Unidos, e de US\$ 1,9 bilhão para US\$ 6,7 bilhões, no caso do Reino Unido). Estados Unidos e Reino Unido respondem, respectivamente, por 28,3% e 7,9% das importações mundiais.

Tabela 2

Comércio Mundial de Manufaturados e de Móveis em 2005

Ano	MANUFATURADOS (A)		MÓVEIS (B)		B/A
	US\$ Bilhões	Variação %	US\$ Bilhões	Variação %	%
1996	3787	–	39	–	
1997	3991	5,4	41	5,1	1,0
1998	4044	1,3	43	4,9	1,0
1999	4186	3,5	47	9,3	1,1
2000	4712	12,6	51	8,5	1,1
2001	4639	-1,5	50	-2,0	1,1
2002	4729	1,9	54	8,0	1,1
2003	5443	15,1	64	18,5	1,1
2004	6378	17,2	76	18,8	1,2
2005	7739	21,3	82	7,9	1,2
2006*	8801	13,7	88	7,3	1,1

* Estimado.

Fonte: CSIL Milano – Market & Industry Research Institute.

¹É necessário fazer a ressalva de que, em razão da grande informalização que caracteriza o setor, as afirmações aqui emitidas estão baseadas em estatísticas que provavelmente não são capazes de captar com exatidão o universo da produção e comercialização moveleira mundial. Entretanto, não dispomos de fontes que estimem o efeito da informalização sobre os números agregados.

Por sua vez, as exportações da China aumentaram de US\$ 1,3 bilhão em 1996 para US\$ 13,0 bilhões em 2005. Em consequência, a China passou, ao longo desse período, do décimo para o primeiro posto no *ranking* mundial de exportações de móveis.

Em 1999, o Brasil era o 18º maior exportador, o que representava 1,5% do total das trocas mundiais do setor. Desde então as exportações brasileiras aumentaram em 158% (de US\$ 396 milhões para US\$ 1 bilhão), o que, entretanto, representa apenas 1,2% das exportações mundiais.

A geografia da indústria moveleira mundial vem mudando desde o fim da década de 1970. Até então, os países em desenvolvimento exportavam madeira bruta, que era processada nos países desenvolvidos. Estes concentravam a produção e a exportação do produto final. Entretanto, a partir da década de 1980, muitos países em desenvolvimento se capacitaram para fabricar móveis, aproveitando a vantagem de possuir as fontes de matéria-prima e mão-de-obra barata.

Desde então, observa-se a tendência dos países desenvolvidos de se especializarem no *design*, no desenvolvimento de produtos, na distribuição e comercialização, transferindo a produção de partes e componentes, ou ainda a confecção do próprio móvel, para os países em desenvolvimento. Nesse processo, a intermediação das transações é feita pelos agentes de exportação (*traders*) com base em preço, qualidade, capacidade e prazo de entrega.

A transferência da produção dos países desenvolvidos para os países periféricos revela um desnível de poder entre as partes, que se reflete em assimetrias na lucratividade. Ou seja, por causa de diferenças de concentração entre a distribuição, pertencen-

Tabela 3

Dados Gerais da Indústria Moveleira por Regiões em 2005

PAÍS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		CONSUMO APARENTE	
	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%
União Européia, Noruega e Suíça	104.639	39,1	43.376	54,2	42.649	50,8	103.912	38,4
Europa do Leste Fora da UE (Inclui Rússia)	6.150	2,3	2.383	3,0	2.623	3,1	6.390	2,4
Ásia e Pacífico	75.764	28,3	23.793	29,7	8.927	10,6	60.445	22,3
Oriente Médio e África	3.448	1,3	785	1,0	1.673	2,0	4.336	1,6
América do Norte	72.191	27,0	8.579	10,7	27.771	33,1	91.383	33,8
América do Sul	5.098	1,9	1.152	1,4	270	0,3	4.216	1,6
Total (60 Países)	267.290	100,0	80.068	100,0	83.912	100,0	270.681	100,0

Fonte: CSIL Milano – Market & Industry Research Institute.

Tabela 4

Dados Gerais da Indústria Moveleira Mundial em 2005 (60 Maiores Produtores)

PAÍS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		CONSUMO APARENTE	
	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%
França	9.185	3,4	2.364	3,0	5.881	7,0	12.703	4,7
Alemanha	18.890	7,1	6.557	8,2	8.236	9,8	20.570	7,6
Itália	23.692	8,9	10.159	12,7	1.675	2,0	15.208	5,6
Reino Unido	10.154	3,8	1.273	1,6	6.664	7,9	15.546	5,7
Estados Unidos	57.371	21,5	2.893	3,6	23.765	28,3	78.243	28,9
Canadá	11.723	4,4	4.417	5,5	3.478	4,1	10.784	4,0
México	3.097	1,2	1.269	1,6	528	0,6	2.356	0,9
China	37.965	14,2	13.451	16,8	479	0,6	24.993	9,2
Malásia	2.262	0,8	1.979	2,5	330	0,4	614	0,2
Indonésia	2.357	0,9	1.835	2,3	56	0,1	578	0,2
Japão	12.356	4,6	506	0,6	3.660	4,4	15.511	5,7
Polônia	7.078	2,6	5.277	6,6	812	1,0	2.612	1,0
Brasil	6.314	2,4	994	1,2	154	0,2	5.474	2,0
Outros	64.846	24,3	27.094	33,8	28.194	33,6	65.489	24,2
Total	267.290	100,0	80.068	100,0	83.912	100,0	270.681	100,0

Fontes: CSIL Milano – Market & Industry Research Institute; Iemi (caso do Brasil).

cente a grandes grupos, e a produção, mais fragmentada, o *design* e a distribuição tornam-se as partes mais atraentes do negócio, em detrimento da produção. A marca colocada nos produtos geralmente pertence ao cliente, por isso não há qualquer identificação do produtor do móvel com o comprador e usuário final. Por outro lado, o benefício para o produtor nesse tipo de relação comercial está na garantia de manutenção de um nível alto de encomendas, na redução do risco de recebimento e do custo de colocação do produto.

Tal fluxo torna-se possível pela existência de certificadores de normas relativas à qualidade e à conformidade do processo produtivo. Ao produtor contratado, é exigida a chancela da empresa certificadora [Garcia (2005)].

Um exemplo do poder alcançado pela distribuição é a sueca Ikea, maior grupo varejista de móveis do mundo, com faturamento anual de cerca de € 15 bilhões. Criada em 1953, a Ikea atua com cerca de 240 lojas em 35 países, incluindo 4 lojas na China, e ocupa uma faixa de mercado semelhante à da Tok&Stok no Brasil, investindo fortemente em *design* e no desenvolvimento de produtos. O grupo também atua na fabricação de móveis e trabalha com uma grande rede de fornecedores mundiais subcontratados.

Uma mudança importante realizada pela Ikea no mercado moveleiro, principalmente nos Estados Unidos, no Reino Unido e em outros países onde o custo da mão-de-obra é mais elevado, foi a

introdução do padrão *do it yourself (DIY)/ready to assemble (RTA)*, no qual o móvel é entregue desmontado e o montador é o próprio cliente final.

Segue breve descrição das características gerais dos principais produtores mundiais.

Itália

A produção italiana de móveis corresponde a US\$ 23,7 bilhões anuais, muito acima de seu consumo, de US\$ 15,2 bilhões. Suas importações alcançam US\$ 1,7 bilhão e suas exportações somam US\$ 10,2 bilhões, atrás somente da China. Ou seja, além de grande exportadora, a Itália é auto-suficiente na produção moveleira e atua de forma competitiva em todos os segmentos de mercado, com destaque para cadeiras e dormitórios. As exportações italianas de móveis são fragmentadas e têm como principais destinos França (14,6%), Reino Unido (13,1%), Alemanha (11,8%) e Estados Unidos (10,8%).

Reconhecidamente líder em *design*, a indústria italiana é o principal centro mundial em mobiliário. A principal feira internacional de móveis é a de Milão, cujos expositores são as referências no segmento de alto valor.

A indústria moveleira italiana caracteriza-se pela expressiva fragmentação, com grande número de pequenas e médias empresas. As principais empresas desenvolvem os produtos, encomendam partes e componentes a terceiros, fazem o acabamento, juntam as partes e se ocupam das vendas. As partes e os componentes são, em geral, fabricados por empresas pequenas. A principal matéria-prima utilizada são os painéis de madeira reconstituída. A madeira maciça é destinada à fabricação de mesas, cadeiras e alguns componentes de móveis.

Pressões no sentido da redução de custos têm levado as empresas a transferirem a encomenda de partes e componentes dos pequenos fornecedores locais para fornecedores de países da Europa Oriental, onde o custo da mão-de-obra é menor.

Alemanha

A produção alemã de móveis corresponde a cerca de US\$ 18,9 bilhões anuais, abaixo de seu consumo, de cerca de US\$ 20,5 bilhões. Suas importações alcançam US\$ 8,3 bilhões e suas exportações somam US\$ 6,5 bilhões. A maior parte da importação de móveis da Alemanha tem origem na Polônia (21,9%), seguida da Itália (10,7%) e China (7,8%). As exportações destinam-se aos Países Baixos (14,2%), Suíça (11,5%) e Áustria (10,5%).

A estrutura do mercado moveleiro alemão é das mais concentradas, com predomínio de empresas médias e grandes, cujas principais características estão na utilização de maquinário moderno e no aproveitamento de economias de escala na produção e na comercialização. O segmento em que a indústria alemã concorre com maior vantagem competitiva é o de móveis para cozinha, de valor intermediário.

Estados Unidos

O mercado norte-americano é o principal motor do comércio mundial de móveis. Seu consumo anual está na faixa de US\$ 80 bilhões, enquanto suas importações se situam em torno de US\$ 25 bilhões, o que representa uma taxa de importações sobre o consumo de cerca de 30%. A produção é de US\$ 57 bilhões, enquanto as exportações são baixas (ligeiramente inferiores a US\$ 3 bilhões) e concentradas em móveis de metal.

Os maiores exportadores de móveis para os Estados Unidos são, na ordem, China, com 48,9% das importações norte-americanas, Canadá (16,7%), México (5,1%), Itália (4,5%) e Malásia (3,1%). As exportações brasileiras correspondem a 1,8% do total das importações dos Estados Unidos.

Os EUA vêm se especializando na montagem de móveis, através da importação de componentes fabricados no México e em países da América Central. Esse modelo compreende móveis para dormitórios, salas de estar e jantar e móveis estofados. Algumas empresas americanas construíram ou adquiriram fábricas na China, como é o caso da Ashley, maior marca de móveis residenciais dos Estados Unidos.

China

Como ocorre em amplo leque de setores industriais, a China é o grande destaque na indústria moveleira mundial. O país exporta 16,8% do total comercializado no mundo, graças aos investimentos recentes em novas plantas concebidas para fabricar grandes volumes de móveis destinados à exportação. Com uma produção anual de US\$ 38 bilhões (era de US\$ 7,5 bilhões em 1996), a China exporta US\$ 13,5 bilhões e importa US\$ 0,5 bilhão. Seu consumo interno é da ordem de US\$ 25 bilhões. Metade da exportação da China tem como destino os Estados Unidos, ficando Hong Kong em segundo lugar, com 10%, e o Japão em terceiro, com 8%.

A produção moveleira da China se concentra em móveis de madeira (madeira maciça, painéis de MDF e de aglomerado), cuja qualidade vem crescendo continuamente, com destaque para o acabamento, etapa de produção de caráter artesanal, em que os móveis recebem até 18 passes de pintura, o que lhes confere a

percepção de excelente qualidade. O crescimento da competitividade chinesa é mais sentido nas linhas e nas etapas de produção que são intensivas em mão-de-obra. Em móveis de escritório, a China já compete no mercado brasileiro, colocando seus produtos em grandes redes de magazines e supermercados.

Polônia

Com uma produção anual de US\$ 7 bilhões e uma exportação de US\$ 5,3 bilhões, a Polônia vem se destacando em termos de exportações de móveis residenciais de madeira, alcançando 6,6% do total do comércio internacional. Suas exportações destinam-se, majoritariamente, à Alemanha (41,9% do total exportado) e à França (8,4% do total).

Panorama Nacional

Principais Pólos Produtores

A indústria nacional de móveis concentra-se, principalmente, nas Regiões Sul e Sudeste, sendo que 77% dos estabelecimentos estão localizados nos principais pólos produtores do país, ou seja, nos Estados de São Paulo (23%), Rio Grande do Sul (15%), Santa Catarina (13%), Paraná (13%) e Minas Gerais (13%) (ver Tabela 5).

Em termos de comércio exterior, Santa Catarina (com predominância do pólo de São Bento do Sul) e Rio Grande do Sul (principalmente na região de Bento Gonçalves) detêm, juntos, 71% do total das exportações nacionais. Especializados em móveis residenciais, esses dois estados intensificaram suas vendas externas desde a década de 1980.

Além desses dois estados, cabe mencionar o Paraná, com participação de 9,3% nas exportações, e São Paulo, com 8,8%. Com

Tabela 5
Principais Estados Produtores

ESTADO	ESTABELECIMENTOS		TRABALHADORES	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Bahia	355	2,2	4.816	2,3
Minas Gerais	2.126	13,2	24.717	12,0
Espírito Santo	313	1,9	5.402	2,6
Rio de Janeiro	583	3,6	5.367	2,6
São Paulo	3.754	23,3	48.462	23,5
Paraná	2.133	13,2	29.079	14,1
Santa Catarina	2.020	12,5	32.273	15,6
Rio Grande do Sul	2.443	15,2	33.479	16,2
Outros	2.377	14,8	22.757	11,0
Total	16.104	100,0	206.352	100,0

Fonte: Abimóvel, com base na Rais/2004.

Tabela 6

Principais Estados Exportadores – Dezembro de 2005

	US\$ Mil	%
Santa Catarina	433.339	43,75
Rio Grande do Sul	270.442	27,31
Paraná	91.732	9,26
São Paulo	87.427	8,83
Bahia	68.257	6,89
Minas Gerais	11.190	1,13
Espírito Santo	6.426	0,65
Ceará	4.430	0,45
Maranhão	3.988	0,40
Pará	3.308	0,33
Goiás	2.988	0,30
Rio de Janeiro	2.528	0,26
Mato Grosso do Sul	1.442	0,15
Pernambuco	1.045	0,11
Outros	1.882	0,19
Total	990.424	100,00

Fonte: Abimóvel.

Tabela 7

Principais Pólos Moveleiros do Brasil

PÓLO MOVELEIRO	UNIDADE DA FEDERAÇÃO	PRINCIPAIS PRODUTOS
Ubá	Minas Gerais	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes
Bom Despacho	Minas Gerais	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes
Linhares e Colatina	Espírito Santo	Móveis retilíneos (dormitórios, salas)
Arapongas	Paraná	Móveis retilíneos, estofados de escritório e tubulares
Votuporanga	São Paulo	Cadeiras, armários, estantes, mesas, dormitórios e estofados
Mirassol	São Paulo	Cadeiras, salas, dormitórios e estantes
Tupã	São Paulo	Mesas, <i>racks</i> , estantes e cômodas
São Bento do Sul e Rio Negrinho	Santa Catarina	Salas, estantes, cozinhas e dormitórios de pinus para exportação
Bento Gonçalves	Rio Grande do Sul	Móveis retilíneos e metálicos (tubulares)
Lagoa Vermelha	Rio Grande do Sul	Dormitórios, salas, estantes e estofados

Fontes: Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (*Movergs*); Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Bento do Sul (*Sindusmobil*); Abimóvel.
Elaboração: BNDES.

relação a São Paulo, é significativa a queda de suas exportações, cuja parcela no total reduziu-se de 27,0% em 1990 para 8,8% em 2005, declínio que foi absorvido pelo aumento da participação de Santa Catarina, Paraná e Bahia no total das exportações. São Paulo concentra a produção brasileira de móveis de escritório e abriga, por exemplo, a Giroflex.

Em Arapongas (PR), Linhares (ES), Mirassol (SP) e Ubá (MG) concentram-se empresas que trabalham com móveis padronizados, comercializados no varejo convencional.

Segue uma breve caracterização dos principais pólos moveleiros do país. Por suas características especiais em termos de concentração espacial e volume de exportações, conjuntamente considerados, o trabalho se detém com mais detalhes nos pólos moveleiros situados nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Rio Grande do Sul Caracterização Geral

Com cerca de 2.400 empresas, o Rio Grande do Sul é o segundo maior estado produtor e exportador de móveis. Apesar de concentrar 27,3% do total das exportações nacionais, sua produção é voltada predominantemente para o mercado doméstico, sendo ainda poucas as empresas do estado que exportam.

O principal pólo moveleiro do estado localiza-se na região da chamada Serra Gaúcha, que engloba, além de Bento Gonçalves, as cidades de Garibaldi, Gramado, Caxias e Flores da Cunha. A região da Serra responde por cerca de 30% do número de estabelecimentos e 60% do número de empregados na indústria moveleira do estado (Iemi/Movergs). Somente a cidade de Bento Gonçalves emprega 7.000 pessoas em cerca de 300 empresas formais, seguida de Flores da Cunha, que emprega 3.000 pessoas em cerca de 90 empresas (Iemi/Movergs).

²As principais diferenças de qualidade entre móveis estão na espessura do painel, no acabamento e na qualidade das ferragens. Quanto à matéria-prima utilizada, um aspecto interessante é que algumas grandes empresas da região voltadas para o segmento de valor intermediário afirmam que utilizam MDF em todas as partes do móvel apenas por exigência do mercado, que seria mal informado. Segundo as empresas, laterais de móveis, por exemplo, poderiam ser feitas com madeira aglomerada, com custo cerca de 20% mais baixo, sem comprometimento da qualidade. Ainda segundo esses fabricantes, na Europa só se substitui o aglomerado pelo MDF nas partes em que é preciso pintar ou usinar.

O principal produto da região é o móvel residencial retilíneo de painéis de madeira reconstituída (madeira aglomerada e MDF), de valor intermediário e com canais próprios de comercialização no mercado interno (Todeschini, SCA, Dellano, Evviva!), ou destinados às faixas de preços relativamente mais baixos do mercado interno (Carraro, Politorno, Ferrarte). Os fabricantes de móveis de menores preços concorrem com base em grande escala e linhas automatizadas, o que lhes permite reduzir custos.² A região também conta com empresas representativas em móveis de metal (Bertolini e Telasul), de preços, em média, mais baixos do que os de madeira.

A cidade de Gramado, em particular, tem sua produção voltada para móveis artesanais. Um exemplo é a Sierra Móveis, especializada em móveis artesanais para exportação, mas que também vende no mercado interno e tem mais de cem lojas franqueadas no Brasil.

Os móveis para dormitórios representaram, em 2005, 55,2% da produção do estado em número de peças, os móveis para

salas de jantar representaram 21,5%, enquanto os móveis para escritório representaram 14,8% (dados Iemi/Movergs).

A cultura da cooperação, forte no estado, é apontada como muito importante para o sucesso da indústria local. Um dos frutos dessa cooperação é a realização anual, na cidade de Bento Gonçalves, da Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira (FIMMA), que cumpre um papel relevante para a qualificação do setor. Vale destacar também a existência de curso superior em tecnologia em produção moveleira, no campus de Bento Gonçalves da Universidade de Caxias do Sul (UCS), em convênio com o Senai.

Entre as maiores empresas do Rio Grande do Sul, destacam-se Carraro, Todeschini, Dellano, Madem, Madecenter, Bertolini, Madesa, Florense, SCA e Telasul. Citada como a maior e mais moderna empresa moveleira da América Latina, a Todeschini fatura, quase que exclusivamente no mercado interno, cerca de R\$ 35 milhões/mês, incluindo sua marca Itálinea. Vende quase 100% para o mercado interno, através de cerca de quatrocentas lojas exclusivas. Esta, ao contrário da regra geral do setor, opera em regime de capital intensivo, automatizando todas as etapas de produção, com exceção da montagem, realizada pelo lojista.³

Tecnologia

No que tange à tecnologia moveleira, a região conta com o Centro Tecnológico do Mobiliário (Cetemo), um dos seis centros tecnológicos do âmbito do Senai presentes no Rio Grande do Sul. O Cetemo possui um núcleo de assessoria tecnológica, informação tecnológica e serviços laboratoriais (por exemplo, controle de qualidade), realiza pesquisas de tendências de mercado e promove um curso de *design*. O pólo de Bento Gonçalves também conta com o Centro Gestor de Inovação (CGI), instituição mantida com o apoio de diversas entidades, entre elas a Movergs, a Universidade de Caxias do Sul e o Senai, que objetiva gerar e organizar informações relativas ao setor.

Um aspecto importante em termos de *design* diz respeito à indústria de acessórios e ferragens. Enquanto a indústria moveleira propriamente dita consegue acompanhar de perto as inovações surgidas na Itália e na Alemanha, o mesmo não ocorre com a produção de acessórios e ferragens, o que impede o *design* brasileiro de acompanhar o italiano, pois o *design* depende das ferragens. Ou seja, o Brasil é mais “pobre” em acessórios em comparação com a indústria italiana e a alemã, uma vez que o acessório de melhor qualidade tem custo elevado para o padrão brasileiro.

³A Todeschini compra a chapa, corta, faz o acabamento, junta as ferragens e embala. Tem equipe de desenvolvimento de produtos e contrata escritório de design.

Clientes/Comercialização

Ao contrário do exemplo do pólo de São Bento do Sul, a produção moveleira de Bento Gonçalves é predominantemente escoada no mercado interno. Segundo apurado em entrevista com Renato Hansen, diretor da Movergs, o pequeno volume exportado é alcançado por empresas que colocam sua própria marca no produto, em geral para lojistas e distribuidores de pequeno porte no exterior. Nesse caso, a exportação não é realizada através de *tradings*, sob encomenda. É o produtor quem apresenta ao comprador seus produtos e preços, o que exige, por outro lado, o investimento no desenvolvimento da sua marca no exterior. Ainda segundo Renato Hansen, esse tipo de experiência tem apresentado resultados positivos.

Há também o caso de empresas que estão experimentando a abertura de lojas no exterior. Um exemplo é a SCA, que comercializa produtos de alto padrão em 14 pontos de venda que possui nos Estados Unidos, México, Uruguai e Trinidad e Tobago, representando 7% do seu faturamento [*Gazeta Mercantil* (21.11.2006)].

Alguns esforços coletivos vêm sendo desenvolvidos visando à ampliação de canais diretos de exportação. Um trabalho importante nesse sentido, realizado pela Movergs, é o Centro de Vigília Tecnológica, voltado para o monitoramento do mercado internacional. Outra iniciativa é a participação direta em feiras internacionais de móveis. Algumas iniciativas de âmbito federal também são relevantes. O Programa Brasileiro de Incremento à Exportação de Móveis (Promóvel), programa de iniciativa do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e da Agência de Promoção de Exportações (Apex), desenvolveu 16 atividades para preparar o empresário para exportar. Mais de cem empresas do Rio Grande do Sul foram inscritas no Programa.

Como resultado de ações dessa natureza, o número de empresas exportadoras passou de cerca de 50 em 1998, para mais de 300 em 2006, o que ainda é pouco no universo de cerca de 2.400 empresas (Movergs). A Carraro é a maior exportadora do estado.

As vendas para o mercado norte-americano correspondem a cerca de 40% do total do pólo de Bento Gonçalves, em parte em razão de um centro de distribuição que as próprias empresas da região construíram nos Estados Unidos. São empregados do pólo que fazem os contatos com os lojistas dos Estados Unidos.

O estado de Santa Catarina é o terceiro maior produtor de móveis do país e o maior exportador, sendo responsável por quase metade das exportações brasileiras do setor. O principal pólo moveleiro do estado localiza-se na região de São Bento do Sul, que emprega cerca de 14.000 pessoas em cerca de quinhentas empresas. Em São Bento do Sul, predominam pequenas e médias empresas, sendo apenas três empresas consideradas de grande porte (acima de quinhentos funcionários).

O pólo de São Bento do Sul se destaca pelo grau de inserção no mercado externo. A grande maioria das empresas do pólo, independentemente do porte, opera direta ou indiretamente com exportações, cujo principal produto é o móvel torneado de madeira maciça, especialmente pinus. São móveis produzidos sob encomenda, para uso residencial. A Artefama, maior exportadora do Brasil, encontra-se em São Bento do Sul. De acordo com Ivo Sandi Grossl, presidente do Sindusmóvel, de São Bento do Sul, outras empresas da região com representatividade na pauta de exportações são: Rudnick, Neumann, Zipperer, Weiherman, Serraltense, Três Irmãos, Grossl, Polska, James, Katzer, América, Clement e Seiva.

São Bento do Sul foi fundada em 1873 por colonos imigrantes alemães, poloneses e austríacos. A produção de móveis na região de São Bento do Sul surgiu por volta de 1920 e intensificou-se a partir da década de 1940. A Artefama, maior empresa da região, surgiu em 1945.

Segundo Denk (2002), até a década de 1970 a região de São Bento do Sul era marcada pela especialização em móveis de estilo colonial (torneados), de alta qualidade, elaborados com madeiras nobres e voltados para o mercado interno. A partir da década de 1980, a demanda pelo móvel de estilo colonial sofreu forte refluxo, em razão de um movimento de redução da metragem média das moradias dos consumidores, o que exige móveis mais compactos, e do aumento da demanda por cores mais claras.

Essas mudanças no consumo geraram uma crise de demanda que afetou a produção moveleira da região de São Bento do Sul. A crise começou a ser superada com a exportação de móveis, incrementada a partir da década de 1980 com a chegada de *tradings* (agências de exportação), que atuavam como agenciadores na exportação, difundindo novas técnicas, desenhos e produtos. Os importadores faziam pedidos por encomenda, com planos detalhados, definindo modelos, normas e especificações técnicas, fato que supria a falta de tradição em *design* na região.

Tal movimento foi reforçado pela crise soviética ocorrida no fim da década de 1980. De acordo com Denk (2002), a crise fez

com que o Leste Europeu, grande fornecedor moveleiro do restante da Europa, deixasse de abastecer seus clientes. Tal fato abriu espaço para que os importadores europeus encontrassem, em São Bento do Sul, produtores com experiência na exportação de móveis de pínus de acordo com os padrões da Europa e dos Estados Unidos, além de grande disponibilidade de áreas plantadas com pínus. Esse foi o impulso de que a região necessitava para expandir suas exportações. Entre 1989 e 1995 as vendas externas da indústria moveleira de Santa Catarina cresceram, em média, 57% ao ano, de acordo com dados do MDIC.

A capacidade desenvolvida pelos produtores locais com móveis construídos com madeiras nobres foi fundamental para a transição para o pínus, madeira que, ao contrário do mercado nacional, era valorizada no exterior graças à proibição da entrada de madeiras nobres na Europa e que era abundante e barata na região de São Bento (média de 17,5 anos no Brasil para beneficiamento contra 35 anos na Europa). Os móveis de pínus ocupam hoje um importante nicho de mercado na Europa e nos Estados Unidos.

Em consequência do novo impulso dado pela exportação, as empresas se reequiparam e se modernizaram. Nesse processo, a Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa (Fetep) de São Bento do Sul, atuando na difusão de conhecimentos técnicos, teve importante papel. As agências exportadoras também tiveram papel fundamental nesse processo de ampliação das exportações na região, através da intermediação entre fabricantes e os importadores e os distribuidores.

A valorização cambial ocorrida a partir de 1994 obrigou as empresas a se ajustarem fortemente, reduzindo custos e elevando a produtividade. Quando veio a desvalorização cambial de 1999, as empresas estavam prontas para deslanchar um crescimento vigoroso nas exportações, o que de fato ocorreu até 2004, a partir de quando o câmbio voltou a se tornar desfavorável. Em 2005, as exportações cresceram muito pouco, refluindo em 2006.

⁴Além de produzir mesas de bilhar, a Rudnick também se configura como uma grande produtora de móveis de sala e dormitório, embora, fugindo ao padrão da região, tenha a produção voltada tanto para o mercado interno quanto para exportação. A empresa utiliza majoritariamente painéis (aglomerado e MDF). O processo consiste em receber a matéria-prima, preparar os painéis, cortar, colocar as ferragens etc. A montagem é feita pelo comércio, na residência do cliente.

Tecnologia

As empresas exportadoras do pólo de São Bento do Sul utilizam majoritariamente madeira maciça (pínus) na confecção dos móveis. O pínus goza de boa aceitação na Europa e nos Estados Unidos, permite a sua usinagem (torneamento e outros detalhes de acabamento) e tem custo similar ao do painel de MDF. A madeira maciça é também utilizada pelos fabricantes de mesas de bilhar (Rudnick), que as exportam para os Estados Unidos.⁴

Entretanto, as empresas maiores estão começando a introduzir chapas de madeira reconstituída (MDF, principalmente) em

substituição à madeira maciça. A chapa só entra, porém, como matéria-prima marginal, nas partes que não são torneadas. O produto continua não sendo o móvel retilíneo, cuja chapa entra na máquina e sai pronta. Mantém-se a filosofia do móvel de pínus maciço, com detalhes em torneado, com maior valor para os europeus.

As maiores empresas exportadoras optam por processar a madeira (serrar e secar) por considerar que no mercado não existem fornecedores qualificados a tratar a matéria-prima adequadamente. As empresas optam também por comprar áreas para florestas porque o mercado de fornecimento de “floresta em pé” é oligopolizado, o que eleva em demasia o preço da árvore.

Hoje existe uma grande rede de fornecedores na região. No caso da madeira, cabe destacar a presença da Tafisa Brasil S.A., distante 25 km de São Bento do Sul. Outros materiais, como ferragens, colas, tintas e pregos, também têm fornecedores ou representantes na região.

Os equipamentos são, majoritariamente, nacionais. A importação se restringe a máquinas CNC (Controle Numérico Computadorizado) para corte e usinagem, em geral adquiridas da Alemanha e da Itália. Muitas vezes, em razão do baixo custo da mão-de-obra no Brasil, as empresas adquirem apenas a parte do sistema em que a máquina produz com maior qualidade e rapidez.

Quanto às máquinas nacionais, o próprio pólo produz lixadeiras, seccionadeiras, destopadeiras e furadeiras de tecnologia avançada. Em São Bento do Sul, há metalúrgicas especializadas na confecção de estufas de secagem, cabines de pintura, sistemas de exaustão e outros equipamentos.

Algumas empresas se especializam em um tipo de produto, padronizado, para mercados de massa, de preços e custos baixos, no exterior. A empresa compra a madeira pronta, já processada e colada. O torneado e a pintura são terceirizados, em empresas da região. Para a confecção da peça torneada, a empresa que faz a encomenda fornece para terceiros o material, como a madeira e o verniz, e se encarrega da montagem. Nesses casos, os fatores de competitividade estão nas compras, na produtividade e nas condições de venda. Em torneados, a principal vantagem de terceirizar está no fato de que a produção de torneados é irregular, sem demanda contínua, e a mão-de-obra para tornear é muito especializada. Tanto a atividade de tornear quanto a de acabamento são intensivas em mão-de-obra. Algumas empresas que produzem móveis de maior valor também terceirizam a confecção de peças torneadas e a pintura.

As empresas maiores importam ferragens, principalmente correções metálicas. As que operam com grandes lotes importam mais. Em geral, as empresas importam cola.

Clientes/Comercialização

Por causa de sua especialização em vendas para o mercado externo, as empresas da região de São Bento do Sul são relativamente mais afetadas que as das demais regiões em caso de supervalorização cambial, o que fez, por exemplo, com que as vendas externas caíssem 15% em 2006 em comparação a 2005. Tal efeito cambial foi particularmente relevante sobre as exportações para os Estados Unidos, onde a indústria moveleira chinesa se inseriu com maior agressividade, obtendo boa aceitação e fortes vendas.⁵

As principais empresas da região de São Bento do Sul vendem 100% da produção para o exterior. Estas não acessam o mercado internacional diretamente e dependem dos agentes de exportação para colocação do produto. O cliente, em geral representante de distribuidor no exterior, apresenta o desenho, o tamanho do lote e o preço do móvel. A fábrica estuda, então, se vale a pena produzir pelas condições ofertadas e, em caso de aceitar a encomenda, traduz o desenho em produto através de uma equipe de desenvolvimento. Em 2005, as vendas por agentes de exportação representaram 55% do total exportado. As vendas feitas através de representantes comerciais no Brasil e no exterior foram 30% do total, enquanto as vendas diretas para os varejistas no exterior ficaram com a fatia de apenas 7%.

As empresas avaliam que não é viável economicamente investir na distribuição, em razão do aporte de recursos necessários e da lentidão e incerteza do retorno. Algumas empresas tentam, às vezes, pular etapas na distribuição, como em feiras, onde o contato com o cliente é direto.

Em razão da escala mínima exigida pelos custos fixos (departamento de engenharia, equipe de desenvolvimento de produtos, mão-de-obra especializada, maquinário), as grandes empresas se especializam em vender para grandes clientes. Por outro lado, as empresas menores fazem negócios diretamente para pequenos lojistas no exterior. O *design*, porém, é sempre do cliente. As grandes empresas avaliam que devem manter sempre mais de um cliente em carteira, para evitar dependência excessiva de um cliente. Em caso de exclusividade, se o cliente pára de comprar, a fábrica fecha.

Vem crescendo a participação da Europa no total das vendas externas da região, situando-se em torno de dois terços do total, contra um terço dos Estados Unidos. Segundo os exportadores, as margens de lucro nas vendas para os Estados Unidos vêm se reduzindo nos últimos anos, em razão do aumento da concentração das distribuidoras americanas.

⁵Cerca de 50% das exportações de móveis da China têm por destino os Estados Unidos (CSIL-Milano).

Uma questão que afeta particularmente a região de São Bento do Sul é o imbróglcio fiscal representado pelo crédito de ICMS sobre a exportação, por causa da demora no recebimento do tributo. Ineficiências na infra-estrutura, especialmente portos, também afetam a produção local. De acordo com os produtores de São Bento do Sul, o produto fica, muitas vezes, até noventa dias no pátio do porto, passando mais tempo no porto do que no navio viajando.

O principal pólo moveleiro do Estado de Minas Gerais encontra-se em Ubá, cidade da Zona da Mata mineira, que dista 280 km de Belo Horizonte. A indústria moveleira é a principal atividade econômica da região e a mais importante arrecadadora de impostos.

Minas Gerais

Ubá abriga a maior empresa de móveis de aço da América Latina, a Itatiaia, além de três grandes, cerca de quarenta médias e duas centenas de pequenas empresas de móveis de madeira maciça e painéis de madeira. O pólo de Ubá produz móveis de todos os tipos e faixas de preço, destinados principalmente a médios varejistas espalhados pelas cidades do país, com 50% do destino concentrado no Rio de Janeiro, que é a metrópole mais próxima da região. A região exporta móveis de escritório, ainda em pequeno volume.

A região conta com fornecedores de ferragens (parafusos, dobradiças etc.) que montam *kits* para vender aos fabricantes de móveis. Conta também com escola de *design* e curso superior em *design* na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Possui ainda curso técnico em móveis oferecido pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet).

O pólo moveleiro do Nordeste Capixaba desenvolveu-se em torno do município de Linhares a partir do início da década de 1960. De acordo com Villaschi Filho e Bueno (2002), o pólo é composto por cerca de noventa empresas de capital nacional, sendo uma de grande porte (Movelar) e duas de médio porte (Rimo e Delare). O principal produto da região é o móvel retilíneo produzido em série, com destaque para dormitórios. A principal exceção é a Delare, que fabrica estofados.

Espírito Santo

Além das empresas fabricantes de móveis, o pólo também conta com serrarias, alguns poucos fornecedores de equipamentos, além de fornecedores de tintas e vernizes.

A indústria da região escoar seus produtos, majoritariamente, no mercado nacional. As vendas são realizadas, no caso das

pequenas empresas, através de representantes comerciais, que vendem seus produtos para pequenos varejistas. No caso das empresas de maior porte, o principal destino são os grandes varejistas distribuídos ao longo do país. As grandes empresas também utilizam escritórios de exportação para comercializar o pequeno volume destinado à exportação [Villaschi Filho e Bueno (2002)].

As principais instituições envolvidas com o pólo de Linhares são o Sindimol, que coordena as ações coletivas do pólo, e o Senai, que oferece cursos profissionalizantes voltados para a produção moveleira.

São Paulo

São Paulo apresenta dois pólos moveleiros com características bastante distintas: de um lado, a Grande São Paulo, especializada em móveis de escritório, com destaque para cadeiras giratórias (Giroflex, por exemplo); de outro lado, o Noroeste Paulista, que reúne os pólos de Mirassol e Votuporanga, onde predominam micro e pequenas empresas, fabricantes de móveis retilíneos seriados, voltados para o mercado interno.

Paraná

A produção moveleira do Estado do Paraná concentra-se no pólo de Arapongas, voltado para o mercado de móveis populares, com destaque para o segmento de estofados. Existem algumas empresas médias e grandes que possuem maquinário mais avançado e exportam parte da produção, o que torna a região responsável por 9% das exportações totais de móveis do país.

Oferta de Madeira

A produção brasileira de móveis de madeira consome cerca de 59% de madeira maciça serrada e 41% de madeira industrializada. A madeira serrada é composta de 26% de pinus e 33% de “madeira de lei”, obtidas quase sempre de florestas naturais. A madeira industrializada é utilizada na forma de painéis de MDF (20%) e aglomerados (17%). As chapas de fibras duras participam do consumo com 5% [Iemi/Movergs (2006)].⁶

É importante ressaltar o déficit existente de madeira oriunda de florestas plantadas. De acordo com o Programa Nacional de Florestas (PNF), do Ministério do Meio Ambiente, e com estudos realizados pela Sociedade Brasileira de Silvicultura (SBS), existe um desequilíbrio entre a oferta e a procura de madeira plantada para suprir as necessidades de crescimento projetadas para a indústria de base florestal. Para suprir a demanda de todos os segmentos,

⁶Ver item Madeira deste artigo.

são utilizados, hoje, cerca de 450 mil ha/ano de pínus e eucaliptos e a área plantada tem sido na faixa de 150 mil ha/ano. Considerando o estoque de florestas, o prazo de maturação dos novos investimentos e o déficit de 300 mil ha/ano apontado, o setor vem chamando a atenção para o risco de um “apagão florestal”, que poderá ocorrer em, no máximo, dez anos.

Estudos estimam que em 2020 haverá um déficit de 27 milhões de m³, considerando somente toras de pínus [Itto (2004), *apud* Nahuz (2004)]. O problema de suprimento de madeira compromete a competitividade dos setores de base florestal. A Abimci aponta que o preço da tora de pínus, no biênio 2003/04, apresentou aumento acumulado de quase 70% em média, bem acima do índice de inflação do mesmo período (IPCA acima de 16%). Para diminuir as pressões nos preços, algumas empresas estão importando madeira de países membros do Mercosul, especialmente Uruguai e Argentina. Outra forma de diminuir os efeitos da falta de madeira é a aquisição de florestas por parte de empresas moveleiras.

Contudo, em pesquisa de campo realizada recentemente, alguns empresários, principalmente os exportadores de móveis de madeira maciça, apontam para a impossibilidade de um “apagão florestal”, pois, segundo eles, existem muitas florestas que não constam de estatísticas oficiais e que podem suprir esse déficit entre oferta e demanda.

Portanto, se futuramente ocorrerem problemas com a oferta de madeira, possivelmente não será pela falta do produto, mas sim pela forma de comercialização. Pois, de acordo com empresários do setor, ainda é mais vantajoso para o proprietário da floresta exportar e/ou vender madeira para celulose do que para fabricantes de móveis.

Conforme foi mencionado na introdução, a densidade tecnológica da indústria de móveis é relativamente baixa, mesmo se comparada com a de outros setores tradicionais, como o têxtil. Ainda assim, o progresso técnico contribui, em conjunto com outros fatores, para definir os padrões de competição do setor.

O desenvolvimento tecnológico atual evolui no sentido de fazer com que os ciclos de vida dos produtos diminuam e consequentemente os períodos de comercialização acelerem. O conceito de produto não pode mais estar relacionado unicamente à fabricação. Elaborar produtos significa criar um *design* atrativo para o consumidor [Quadros (2002)]. Portanto, o *design* tornou-se fundamental para que o produto tenha boa aceitação no mercado.

Tecnologia e Design

Um aspecto bastante peculiar da indústria de móveis é a existência, às vezes na mesma unidade produtiva, de equipamentos de gerações muito diferentes. Isso decorre principalmente do caráter descontínuo dificultando a automação do processo produtivo, o qual, por sua vez, se deve à natureza da matéria-prima utilizada, bem como à padronização relativamente pequena dos produtos.

As inovações tecnológicas trazem redução no uso intensivo da mão-de-obra, principalmente nos segmentos em que o processo de produção pode ser contínuo, como é o caso de móveis retilíneos seriados produzidos com painéis de madeira reconstituída. Apesar das inovações incorporadas pela indústria, as empresas que produzem móveis torneados com muitos detalhes de acabamento ainda priorizam a utilização de mão-de-obra, pois os investimentos em automação apresentam custos muitas vezes inviáveis.

O segmento de móveis retilíneos seriados, composto em sua maioria por empresas de maior porte, apresenta o maior grau de atualização tecnológica da indústria brasileira de móveis. No segmento de móveis de madeira maciça, verifica-se grande heterogeneidade tecnológica, que inclui desde as modernas empresas exportadoras até as pequenas empresas artesanais voltadas para produção sob encomenda. No segmento de móveis para escritório, a maioria das empresas apresenta processos produtivos bastante sofisticados, pois isso é facilitado pela natureza metálica dos materiais utilizados.

No que tange à fabricação propriamente dita, é importante registrar a tendência, verificada recentemente, de horizontalização da produção. Assim, boa parte dos fabricantes de móveis retilíneos transferiu as atividades de montagem para o varejo ou para o consumidor final, o que lhes permite a concentração nas operações mais fáceis de ser automatizados. Em sentido inverso, é crescente o uso de painéis já preparados, mesmo quando se trata de acabamento superficial.

A definição do produto no que diz respeito a seu *design* tem sido objeto de várias discussões acadêmicas e profissionais. O motivo dessas discussões está na valorização que a originalidade confere ao produto, um fator que pode determinar a competitividade de determinado setor.

O *design* no móvel não pode ser entendido apenas como o desenho ou a aparência física. O móvel tem de ser funcional, confortável e ergonômico e ainda precisa de um melhor aproveitamento de espaços. O *design* abrange desde a concepção do projeto e todas as fases de produção até a entrega ao cliente final [Quadros (2002)].

Pesquisa recente [Franzoni (2005)] detectou que no pólo de São Bento do Sul os empresários exportadores trabalham com *design* fornecido pelo cliente e projeto desenvolvido pelo fabricante. O exportador brasileiro apenas determina as especificações dimensionais, os materiais e o processo de produção de acordo com o protótipo, desenho ou fotografia fornecidos pelo cliente. Na mesma pesquisa observou-se que as principais razões para o produtor não desenvolver *design* próprio foram o desconhecimento das tendências de mercado e a resistência dos clientes.

O serviço de *design* próprio parece ser visto pelos empresários como aumento de custos das empresas. Na realidade, as empresas esperam que as associações de classes e universidades formem parcerias e criem cursos específicos. Além do que sugerem a criação de legislação própria sobre direito autoral e direito de criação, para justificarem os investimentos em *design*.

Ferreira (1998) verificou que as inovações tecnológicas trazidas para a indústria moveleira, tanto em máquinas e equipamentos quanto em materiais, facilitaram a modernização de muitas empresas brasileiras. Portanto, o *design* tornou-se fator de inovação próprio da indústria de móveis, pois diferencia o produto dos demais concorrentes e tornou-se o principal fator de competitividade nessa indústria.

Podemos observar que as empresas, em sua maioria, concentram esforços na evolução tecnológica, no aprimoramento de seu parque industrial e de processos produtivos, mas deixam em segundo plano a estratégia de desenvolvimento de produtos com *design*.

No Brasil, as empresas produzem móveis de acordo com a tendência européia e, a partir do desenvolvimento do produto, vão adaptando os modelos à realidade brasileira. Observa-se, portanto, que o *design* próprio não tem grande importância, pois para isso são necessários investimentos em pesquisas de novos materiais e também na utilidade que o móvel pode trazer ao usuário, ou seja, vai muito além do desenho. Para os empresários do setor, esses investimentos são inviáveis atualmente, pois, talvez, só trouxessem algum benefício em prazo muito longo, o que estaria fora da realidade da maioria das empresas brasileiras.

A demanda por móveis varia positivamente com o nível de renda da população e com o comportamento de alguns setores da economia, particularmente a construção civil. Muito sensível às variações conjunturais da economia, o setor é um dos primeiros a sofrer os efeitos de uma recessão. O gasto com móveis, em geral, situa-se na faixa de 1% a 2% da renda disponível das famílias [Gorini (1998)]. Outros fatores que influenciam muito a demanda por móveis

Demanda por Móveis

são as mudanças no estilo de vida da população, os aspectos culturais, o ciclo de reposição, o investimento em *marketing* (em geral muito baixo nessa indústria) e a concorrência com outros produtos de consumo de massa.

O consumo nacional de móveis é suprido quase integralmente pela produção doméstica. As importações têm participação muito pequena, com valor próximo a US\$ 170 milhões no ano de 2005 (corresponde a menos de 1% do faturamento da indústria). Destaca-se a representatividade da produção dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Paraná, que respondem por cerca de 83% da oferta nacional.

Os principais centros consumidores são as Regiões Sul e Sudeste, com destaque para São Paulo e região do ABC, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília, bem como suas respectivas regiões metropolitanas. Segundo informações da Abimóvel, as 26 capitais do país e o Distrito Federal respondem por 37% do consumo de móveis no Brasil.

Comércio Exterior

As exportações brasileiras de móveis se intensificaram a partir da década de 1970, com a industrialização do setor. Todavia, foi somente na década de 1990 que ocorreu maior inserção internacional graças à modernização das empresas. De fato, durante essa década a indústria brasileira de móveis apresentou bom desempenho e se consolidou no mercado internacional.

Nessa época, a indústria passou a utilizar canais de comercialização internacionais através de representantes de vendas no exterior e importadores atacadistas, os quais geralmente procuram diretamente as empresas brasileiras. Normalmente, esses comerciantes determinam o tipo de móvel e o *design* desejado. Em muitos casos, um mesmo importador encomenda o mesmo tipo de móvel a várias empresas, e muitos deles fazem cotações de preços, o que, com frequência, conduz a uma grande concorrência entre as próprias empresas brasileiras.

Alguns segmentos realizaram investimentos na aquisição de máquinas e equipamentos importados, que trouxeram, como conseqüências diretas, o aumento da escala de produção e a padronização do produto ao nível internacional, possibilitando uma elevação significativa das exportações de móveis. As exportações passaram de US\$ 40 milhões, no ano de 1990, para US\$ 1 bilhão em 2005, o que implicou um aumento na participação das exportações brasileiras no comércio mundial de móveis de 0,1% para 1%, respectivamente. O crescimento observado no período foi de 2.400%.

Ao observarmos a evolução das exportações, podemos fazer distinções entre tipos distintos de padrão de crescimento do período analisado. Entre os anos de 1990 e 1995, as taxas médias de crescimento anuais ficaram em torno de 58%, o que se explica, em parte, pela reduzida base inicial de exportações naquele período, pela melhoria da capacidade produtiva da indústria e pelo câmbio favorável. A partir de 1995, observa-se um crescimento menos expressivo, com taxas médias de 4,5% ao ano até 1998, em função do câmbio desfavorável. Do ano de 1998 até 2005, a taxa média de crescimento anual foi de 17%. Nesse último período analisado, o câmbio foi, mais uma vez, um dos principais fatores que impulsionaram as exportações brasileiras de móveis.

É importante ressaltar que, em 1998, a Abimóvel e a Apex assinaram convênio estabelecendo o Promóvel, com a finalidade de fortalecer a capacidade gerencial e incrementar o relacionamento entre as empresas, através da realização de eventos de interesse comum, como seminários, feiras e outras modalidades de intercâmbio técnico e comercial, visando à promoção comercial para exportações.

No início, os mercados-alvo foram os Estados Unidos, país que é atualmente o maior consumidor de móveis do mundo, a França e a Inglaterra, pelo reconhecimento internacional como mercados de elevado padrão de consumo. Cabe observar que as exportações para os Estados Unidos cresceram aproximadamente 480%, para a França, 110%, e para a Inglaterra, 140%, no período compreendido entre 1998 e 2005. Portanto, podemos sugerir que as ações do Promóvel também contribuíram para o bom desempenho das exportações brasileiras de móveis.

Posteriormente, após a realização de atividades de pesquisa e promoção nos mercados dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra, foram definidos como mercados alternativos em relação aos três mercados iniciais e passaram a compor a pauta de ações do programa: México, América do Sul, países do Golfo Árabe, Japão, África do Sul, Rússia e outros países da Europa Ocidental.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2003) e Rangel (1993), outros fatores que explicam o crescimento das exportações podem ser os seguintes:

- melhoria da capacidade produtiva;
- transformações no Leste Europeu, que permitiram ao Brasil exportar para os mercados que eram supridos por outros países;
- avanço das negociações do Mercosul; e
- salto tecnológico da indústria moveleira.

Rangel (1993) observa que a produção física da indústria de móveis no ano de 1990 cresceu em torno de 250%, se comparada com o ano de 1970, de acordo com dados do IBGE. De fato, essa observação pode sugerir que houve grande melhoria na capacidade produtiva, embora o período tenha coincidido com o aumento das exportações brasileiras de móveis.

O avanço das negociações do Mercosul permitiu o estabelecimento de menores tarifas de exportações para a região, comparativamente com as tarifas enfrentadas em outros países ou blocos. No caso dos produtos de madeira e móveis, a Tarifa Externa Comum (TEC) variou de 7,5% a 19,5%, o que possibilitou o aumento das exportações para a região. Em outros países, como o México, as tarifas para as mesmas operações e produtos chegam a ser de até 25% [Farina (2003)].

Podemos citar também os investimentos do BNDES na modernização tecnológica da indústria de painéis de madeira, investimento que atingiu, conforme Valença (2002), o montante de US\$ 250 milhões entre os anos de 1997 e 2001. Graças a isso, houve quase a duplicação da produção de painéis de madeira aglomerada e de MDF. Em 1997, a produção conjunta desses produtos era de 1.254 mil m³, passando para 2.442 mil m³ no ano de 2001. Isso permitiu o aumento da oferta de outras matérias-primas para a indústria como um todo e diminuiu, assim, a pressão sobre a oferta de matérias-primas tradicionais (pínus) utilizadas pela indústria exportadora, acarretando queda nos preços.

As exportações brasileiras de móveis são, em sua grande maioria, compostas por móveis de madeira (73%). Nesse segmento, os móveis residenciais respondem por cerca de 34%, os móveis de escritório, por 4%, e outros móveis e partes, por 35%.

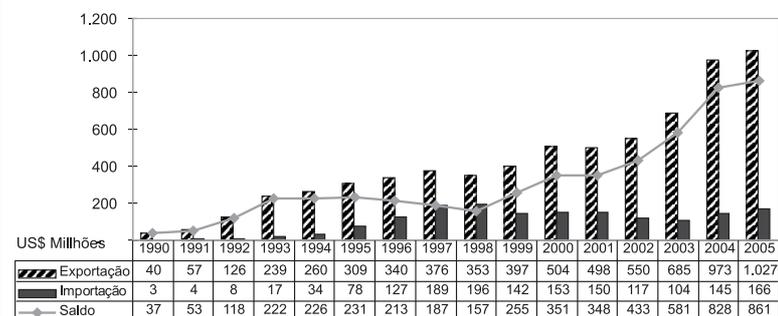
As maiores exportações de móveis são realizadas por empresas localizadas no Estado de Santa Catarina, que em 2005 foram responsáveis por cerca de 44% das exportações brasileiras de móveis, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 27%, Paraná, com 9%, São Paulo, com 9%, e Bahia, com 7%.

Os principais destinos das exportações brasileiras de móveis, em 2005, foram os Estados Unidos, com 39%, França, com 10%, Reino Unido, com 8%, Argentina, com 5%, Espanha, com 4%, e Alemanha, com 4%.

Os móveis em madeira para dormitórios foram os mais exportados em 2005, com participação de 30% do total de móveis exportados pelo Brasil.

Gráfico 2

Comércio Exterior Brasileiro de Móveis



Fonte 1: até 1995, informativo MDIC/Secex n. 18, jan. 1999.

Fonte 2: de 1996 a 2005, MDIC/Secex/Sistema Alice Web, 9401.10.10 a 9404.90.00.

Observa-se que as importações evoluíram de US\$ 3 milhões para US\$ 166 milhões entre os anos de 1990 e 2005, respectivamente, com crescimento de 6.000%.

Os estados brasileiros que mais importaram móveis em 2005 foram São Paulo, com 68% de participação, Paraná, com 17%, Rio de Janeiro, com 5%, Minas Gerais, com 3%, e Espírito Santo, com 2,6%.

As principais origens das importações brasileiras de móveis em 2005 foram Estados Unidos, com 29,5% de participação, Alemanha, com 22%, França, com 13%, Espanha, com 8%, e Itália, com 5,5%.

O saldo da balança comercial do setor de móveis no período analisado foi sempre muito expressivo, passando de US\$ 37 milhões em 1990 para US\$ 861 milhões em 2005.

Apesar de o comércio exterior de móveis ter crescido significativamente entre os anos de 1998 e 2005, ainda existem vários desafios a serem vencidos. A terceirização de etapas do processo produtivo pode atuar como forma de redução de custos nesse ambiente de abertura comercial e intensa competitividade. As crescentes restrições de caráter ambiental ao uso de madeiras de lei tem aumentado muito a importância, no comércio internacional, das madeiras de reflorestamento como o pínus e o eucalipto. Com isso, certamente, o futuro do comércio mundial de móveis reside no uso crescente dessas madeiras, ou seja, a antiga vantagem comparativa representada pelas florestas naturais torna-se cada vez mais ineficaz em um mundo extremamente preocupado com questões ambientais. Para tanto, os empresários da indústria brasileira de móveis têm a missão de adaptar suas estratégias às exigências do mercado mundial.

Perspectiva e Tendências do Consumo

De acordo com o estudo realizado pelo IEMI e Movergs, o faturamento do setor moveleiro cresceu timidamente entre 2003 e 2005. De 2003 para 2004, o faturamento cresceu apenas 2%; já de 2004 para 2005, elevou-se um pouco mais (3,6%).

Com relação à produção, apesar da queda de 10% nos volumes exportados, o setor deverá aumentar as vendas domésticas. A previsão era de que a indústria encerrasse o ano de 2006 com crescimento de 2,6% no volume de peças produzidas em relação ao ano anterior, com 317 milhões de unidades, ante 309 milhões em 2005, sendo que a expectativa dos empresários é de crescimento. Os números são positivos, considerando a baixa nas vendas ao mercado externo, estimada em aproximadamente 10% em volume, sobre cerca de 80 milhões de unidades vendidas no exterior em 2005. O faturamento deverá ter aumento nominal de cerca de 3%, somando R\$ 17,5 bilhões em 2006. “Descontada a inflação de 2006, o faturamento deve ter queda, mesmo com o esforço para repassar custos e agregar valor aos produtos”, previu Luiz Antonio Troes, presidente da Movergs.

Nos últimos três anos, as lojas especializadas (ou exclusivas, destinadas a um público de médio e alto poder aquisitivo) tornaram-se o maior e principal canal de comercialização de móveis no país, com participação de 33% das vendas totais, seguido das lojas de departamento, com 30%. Está clara a tendência para o consumo de móveis projetados (sob medida), principalmente em grandes centros consumidores, onde a necessidade de ocupar espaços está cada vez mais valorizada. A valorização de marcas no varejo pode ser reflexo da necessidade de aproximação entre o fornecedor e seu segmento de consumidores.

É importante ressaltar o surgimento de um mercado comprador, tendo o cliente como foco principal de estratégia das empresas. A necessidade de cooperação e parceria no desenvolvimento de novos produtos exigidos diretamente pelo consumidor final trouxe a governança da cadeia produtiva de móveis para as “mãos” dos compradores varejistas.

Tabela 8
Faturamento Anual do Setor de Móveis – 2003-2005
(Em Milhões de R\$)

SEGMENTO	2003	2004
Móveis Residenciais	10.446	10.634
Móveis de Escritório	4.444	4.480
Colchões	1.528	1.631
Total do Faturamento	16.418	16.745

Fonte: IEMI/Movergs.

Atualmente, a oferta de móveis é maior do que a demanda, já que a produção aumentou em dimensão superior à do consumo. As empresas não investiram em clientes e não acompanham a evolução da vida do consumidor. As empresas do setor sempre se preocuparam em expandir a capacidade produtiva, mas não criaram novas necessidades para os consumidores. Os consumidores querem novidades, ou seja, produtos que lhes causem surpresa e tragam soluções, para então sentirem a necessidade de realizar novas compras, como ressalta Ari Bruno Lorandi, diretor de *marketing* da Central de Excelência Moveleira de Curitiba.

Os recursos destinados ao setor de móveis vêm crescendo nos últimos cinco anos, especialmente em 2005. O Gráfico 3 apresenta os desembolsos do BNDES ao setor moveleiro de 1995 até agosto de 2006. Durante esse período, o valor total dos desembolsos somou R\$ 751 milhões. Os financiamentos se destinam, principalmente, a aquisições de novas máquinas e capital de giro para micro, pequenas e médias empresas. Cabe destacar que o número de operações quanto ao porte das empresas concentra-se acima de 90% às MPMEs.

Apoio do BNDES ao Setor

A região que mais recebeu recursos, nesse período, foi a Região Sul, com um percentual de 66,6%, seguida da Região Sudeste, com 29,2% do montante, conforme o Gráfico 4.

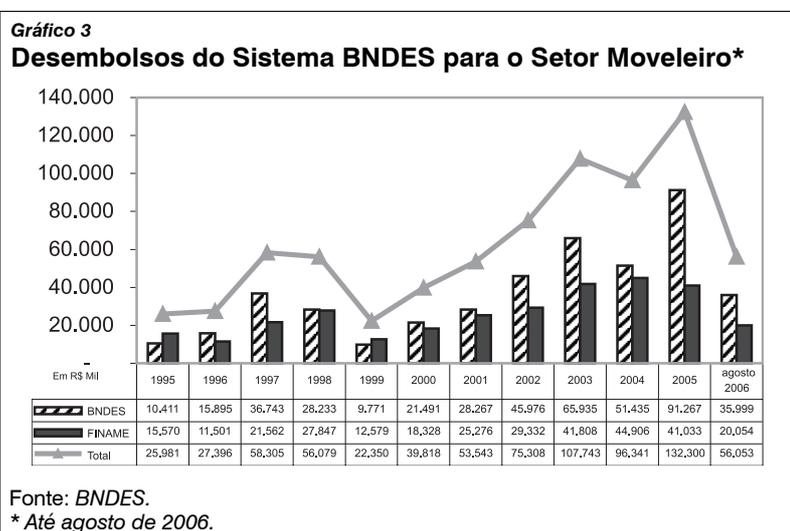
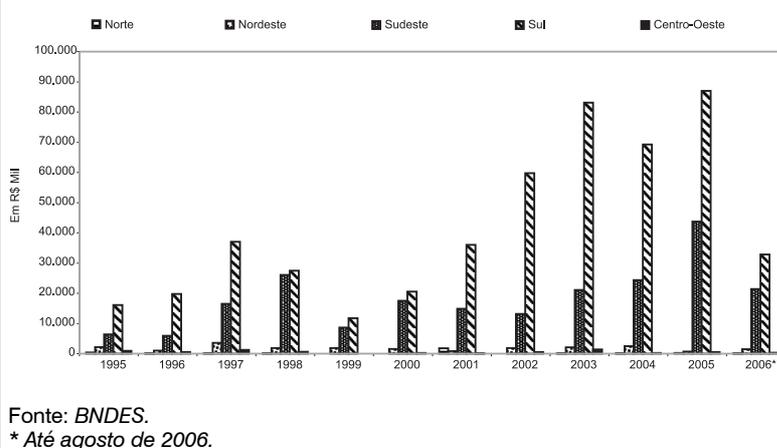


Gráfico 4
Desembolsos do BNDES para o Setor Moveleiro por Região



Conclusão

A indústria de mobiliário pode ser considerada uma das mais conservadoras em termos de dinamismo tecnológico, o que contribui, entre outros fatores, para algumas de suas principais características, como a pequena expressão das economias de escala. As barreiras à entrada mais importantes, nesse contexto, estão vinculadas ao domínio do *design* pelos fabricantes ou pelos varejistas. O papel desses últimos na cadeia produtiva do mobiliário, aliás, tem sido crescente nos últimos anos.

As inovações mais importantes para a indústria estão relacionadas às matérias-primas, com destaque para os painéis de madeira (compensados, aglomerados, MDF etc.). A utilização desses painéis implicou, entre outros fatores, alterações na organização da indústria, como o deslocamento de determinadas operações para a indústria de processamento de madeira.

O comércio internacional de móveis tem registrado crescimento bem superior ao da produção do setor. Isso decorre, essencialmente, de que grande parte dos fluxos de comércio, na atualidade, compõe-se de exportações de produtos acabados dos países subdesenvolvidos, que apresentam a vantagem da mão-de-obra barata. No passado, ao contrário, as exportações desses países eram constituídas basicamente por matérias-primas, com destaque para madeira.

O setor de móveis brasileiro é semelhante, em linhas gerais, ao dos demais países. A indústria é constituída por grande número de empresas (cerca de 50 mil), reflexo da pequena escala mínima necessária. A maior parte das microempresas, no entanto, é informal, o que dificulta muito a compilação de estatísticas seto-

riais. A indústria pode ser classificada como atualizada tecnologicamente, sendo que ainda apresenta algumas deficiências no *design* de seus produtos. Apesar disso, o setor é bastante competitivo internacionalmente, o que é comprovado pelo grande aumento das exportações, que passaram de US\$ 40 milhões em 1990 para cerca de US\$ 1 bilhão em 2005 (valores correntes).

Os maiores entraves à expansão do setor consistem no baixo crescimento da demanda interna e na possível escassez de madeira de reflorestamento. Na hipótese de superação do quadro atual de pouco dinamismo da economia brasileira, o setor de móveis deverá crescer de forma substancial, desde que o suprimento adequado de madeira esteja assegurado. Se, além disso, forem solucionados os atuais problemas referentes ao *design*, o Brasil poderá transformar-se num dos principais exportadores mundiais de móveis.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE MADEIRA PROCESSADA MECANICAMENTE. *Estudo Setorial 2004: Indústria de Madeira Processada Mecanicamente*. Curitiba, 2005.

COELHO, Maritzel Rios Fuentes; BERGER, Ricardo. "Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho". *Revista da FAE*, Curitiba, v. 7, n.1, p.51-65, jan./jun. 2004.

DENK, Adelino. *Série estudos 9 – Pólos moveleiros I – São Bento do Sul*. São Paulo: Abimóvel, 2002.

FARINA, Elizabete. "Cadeia da indústria de madeira e móveis". In: Unicamp. *Estudo da competitividade por cadeias produtivas*. Campinas: Unicamp, 2003.

FERREIRA, Marcos José Barbieri. *Indústria brasileira de móveis – Design como fator de competitividade na indústria moveleira*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia. Convênio: Sebrae/Finep/Abimóvel/Fecamp/Unicamp/IE/NEIT. Campinas, ago. 1998.

FRANZONI, José Antonio. *Formulação de estratégias de marketing internacional: um estudo das principais empresas moveleiras da região de São Bento do Sul – SC*. Curitiba, 2005.

GARCIA, Renato; MOTTA, Flávia Gutierrez. *Relatório setorial preliminar: móveis residenciais de madeira*. Rede DPP, Finep, 2005.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. "Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira". *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 3-57, set. 1998.

LEMI e MOVERGS. "Brasil móveis 2006: Relatório setorial da indústria de móveis no Brasil". São Paulo: lemi, v. 1, n. 1, out. 2006.

MDIC – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. "Cadeia produtiva de madeira e móveis" (Fórum de Competitividade). Secretaria do Desenvolvimento da Produção. Brasília, 2003.

NAHUZ, Marcio Augusto Rabelo. *Atividades industriais com madeira de pinus: atualidades e desafios*. Apresentado no "Congresso Internacional do Pinus". *Revista da Madeira*, Joinville, edição especial, 2004, *Revista da Madeira*, Curitiba, v. único. p. 30-36, 2004.

QUADROS, Ana Cristina. *O design dos móveis de escritório nas médias e pequenas empresas do setor moveleiro da Serra Gaúcha – um estudo exploratório*. Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002 (Dissertação de Pós-Graduação).

RANGEL, A. de S. "Competitividade da indústria de móveis de madeira". Nota Técnica Setorial, MCT, Finep, PADCT, Campinas, 1993.

VALENÇA, A. C. V; PAMPLONA, L. M. P; SOUTO, S. W. "Os novos desafios para a indústria moveleira no Brasil". *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 83-96, mar. 2002.

VILLASCHI FILHO, A; BUENO, Flávio O. *Série estudos 9 – Pólos moveleiros II – Linhares (ES)*. São Paulo: Abimóvel, 2002.

Sites Consultados

Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (Abipa). Disponível em: <www.abipa.org.br>. Acesso em: 4 de setembro de 2006.

Portal Remade. Disponível em: <www.remade.com.br>. Acesso em: 1º de setembro de 2006.

Reflorestando. Disponível em: <www.reflorestando.com.br>. Acesso em: 25 de setembro de 2006.